

## OPRESSÃO E IDENTIDADE: O DUPLO DA COLONIZAÇÃO

Belmira MAGALHÃES<sup>1</sup>

- RESUMO: Este artigo discute, a partir do livro de Helder Macedo, *Pedro e Paula*, formas de enfrentamento da opressão política vivenciadas por indivíduos/personagens que não concordam com a opressão, mas fazem parte das camadas dominantes. As contradições sociais que advêm de uma realidade social baseada na exploração de classe, somada à dominação colonial, é a tônica desta representação romanesca, que não poupa os colonizadores, mas também não os trata como um conjunto homogêneo de dominadores. A construção das personagens é feita através de um diálogo com o texto machadiano que discute a natureza da simultaneidade do contraditório. Histórias de vida semelhantes produzem figuras que, embora dependentes, se diferenciam pelo lugar de sujeitos sociais que ocupam. Enquanto a maioria das personagens masculinas acaba por reproduzir as relações sociais, a representação das mulheres cria uma tensão entre o existente e a possibilidade de mudança, que pode levar à loucura, mas que necessariamente não aceita as coisas como dadas.
- PALAVRAS-CHAVE: Contradição; reflexo estético; literatura e história; poder; opressão.

A relação entre ficção e história constitui o suporte teórico e ideológico do romance *Pedro e Paula*, de Helder Macedo. A partir de um diálogo com a história, a autoria movimenta as personagens, criando uma tensão entre as contradições sociais e a possibilidade de construção de identidades coletivas e individuais.

O livro é apresentado ao leitor com seis epígrafes, sendo cinco de escritores portugueses<sup>2</sup> e uma outra, a última, de Machado de Assis. O conjunto das citações alerta para o conflito interno, pessoal, que faz Bernardim Ribeiro refletir sobre o que pode levar alguém a tornar-se seu próprio malfeitor: “Entre mim mesmo e mim / Não sei o que s’levantou / Que tão meu imigo sou”; e as condições sociais que adoecem um povo inteiro: “Num país em que a ocupação geral é estar doente” (EÇA DE QUEIRÓS), finalizando com Machado de Assis a sugerir que se busque as causas desses conflitos: “Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito”.

O narrador de *Pedro e Paula* faz alusão direta à influência de Machado de Assis na sua narrativa, através de referência explícita ao romance *Esau e Jacó*. O texto de Machado discute a política brasileira do final do século XIX, demonstrando que as

<sup>1</sup> Departamento de Ciências Sociais – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFAL – 57050-380 – Maceió – AL – brcm@fapeal.br

<sup>2</sup> Pela ordem em que são citados: Bernardim Ribeiro, Luís de Camões, Almeida Garrett, Eça de Queirós e Cesário Verde.

divergências existentes entre as facções dominantes no cenário político não são contradições ideológicas entre classes antagônicas, mas posições diferentes sobre a maneira de conduzir a política, sem alterações substanciais na estrutura social. Por esse motivo seus personagens são gêmeos, têm a mesma origem e trocam de discurso dependendo do lugar que ocupam no momento político: governo ou oposição.

Salientemos algumas semelhanças entre os protagonistas dos dois romances, sugeridas pela narrativa: são gêmeos, filhos de casais que conseguiram ascender na vida, pertencem à elite dominante em seus países, sendo que no romance do escritor português são representantes diretos do colonizador, enquanto que no do romancista brasileiro podem também ser considerados como representantes do colonizador na medida em que são brancos num país escravocrata e pertencem à elite política.

A proposta da narrativa é discutir a questão do envolvimento do cidadão comum português com a colonização, tendo em vista que pessoas que na Metrópole adotam posturas progressistas, na colônia, acabam se tornando os executores de uma política que tem a exploração como meta e a violência como meio de alcançar os objetivos.

A autoria demonstra estar preocupada com os silenciamentos que norteiam as relações na Metrópole, uma vez que na colônia não há o que silenciar, há apenas coisas **não ditas**. O silenciamento se faz necessário na Metrópole, que tenta superar os anos de ditadura salazarista, apesar de que o silenciamento não apaga a opressão, ao contrário, torna-a cada vez mais eficiente, pois adoce o país a ponto de deixar cada um como inimigo de si próprio. A narrativa questiona a possibilidade de solucionar a opressão estabelecida e apagá-la efetivamente da história. É possível ser feita? Quem pode fazê-lo? Não responder a estas perguntas pode levar à manutenção da opressão sem colonização, da ditadura sem ditador.

Na sociedade de classes na modernidade, o discurso dominante (liberal) não pode explicitar o cerne das contradições sociais, embora tenha que procurar **dizer** a realidade. Esse duplo aspecto faz o discurso dominante se constituir primeiro para silenciar e só secundariamente para dizer. A partir de mecanismos linguísticos produtores de efeitos de silenciamento é realizado o jogo de produzir o **dito**, deixando implícito o **não dito** e **silenciando** o impossível de ser explicitado, fazendo com que o leitor/ouvinte tenha que necessariamente sair do discurso para compreender a dinâmica do próprio discurso, desvendando sua opacidade. Na verdade, o jogo das ideologias se faz a partir da lógica dialética, cuja premissa reside no apagamento ou no desvelamento das diferenças de classe.

As sociedades de classes anteriores ao capitalismo defendiam as diferenças sociais baseadas em um princípio de desigualdade intrínseca entre os seres humanos. Essa desigualdade regia a legalidade dessas sociedades, sendo explicitada em todos os discursos – do cotidiano aos teológicos. A lógica capitalista, ao contrário, necessita de homens livres que entrem em relação a partir de consentimentos mútuos, pois que

senhores de suas ações. A individualidade e a igualdade de oportunidade marcam a ideologia da sociedade moderna e as desigualdades são encaradas como intrínsecas às individualidades diferentes<sup>3</sup>, ou como desvios a serem combatidos.

O fundamento ideológico da sociedade instaurada com a modernidade, como vimos, é a negação dos privilégios oriundos de causas extra-sociais e a proposta de busca da igualdade e da liberdade para todos. Nesse sentido, podemos afirmar, para o caso da sociedade capitalista, que o silêncio é o fundamento do discurso dessa sociedade, na medida em que, diferentemente das anteriores, as diferenças de classes devem ser justificadas. “O silêncio de que falamos aqui não é ausência de sons ou de palavras. Trata-se do silêncio fundador, ou fundante de toda significação” (ORLANDI, 1993, p. 70)<sup>4</sup>.

Pode-se sintetizar essa contradição explicitada acima, afirmando que todo e qualquer discurso criado numa sociedade desse tipo, por menos que diretamente esteja vinculada à estrutura de classes, ocupará um dos lados do conflito: ou terá que continuar silenciando a real estrutura da sociedade, ou explicitará esse silenciamento estrutural. Na verdade, o jogo das ideologias (dominante e dominada) se faz a partir da lógica dialética, que tem como premissa o apagamento ou o desvelamento das diferenças de classe.

Na colonização vale a lógica pré-capitalista, sendo as diferenças entre os indivíduos justificadas pela natureza (raça). Na metrópole a lógica é a moderna, baseada na ideologia liberal.

Em *Pedro e Paula* os protagonistas já vêm ao mundo convivendo com a adversidade, dada a inexistência de atendimento à mãe em um parto difícil. Ao narrador não importa muito o sucesso do parto; segundo ele, se não vingassem, outras personagens seriam construídas em seus lugares, pois o que interessa é o que significam, isto é, qual o sentido e o efeito de sentido<sup>5</sup> que elas poderão constituir no projeto da autoria<sup>6</sup>.

São gêmeos não idênticos, diferentemente dos de Machado, e por isso as divergências entre eles não se resumem a brigas pela atenção da mãe na infância e pela concordância ou oposição aos governos na idade adulta. O fato de não serem univitelinos possibilita posicionamentos diferentes em relação à luta colonial e de classe, segundo sugere a narrativa. As diferenças aparecem desde a mais tenra idade

<sup>3</sup> Em todos os textos dos filósofos contratualistas (Hobbes, Locke e Rousseau) estão explicitadas a base sobre a qual se ergue o sociedade moderna: individualismo e propriedade / privado e público.

<sup>4</sup> Ao utilizarmos a conceituação de Orlandi sobre o silêncio como fundamento, gostaríamos de ressaltar que estamos historicizando essa conceituação para a sociedade moderna. A aplicação generalizada e universalizada desse conceito para qualquer sociedade necessita, a nosso ver, de mais aprofundamento.

<sup>5</sup> Sentido e efeito de sentido: ver Pêcheux, 1988.

<sup>6</sup> Projeto de autoria está relacionado à tomada de posição do autor em relação à realidade sobre a qual está refletindo. Para desenvolvimento desse conceito, ver Magalhães, 1999.

“ela de olhos verdes e ele castanhos, ela magrita e ele gorducho, ela frugal no seio esquerdo e ele imperioso no direito.” (MACEDO, 1999, p.21). O menino acaba por dominar os dois seios deixando a irmã sem nada, a sugar clandestinamente nos intervalos da voracidade masculina. O narrador, atento para as tendências que se delineiam entre os irmãos, afirma: “Temperamento. Metáforas da História.” (MACEDO, 1999, p.21).

É interessante ressaltar que a escrita dessa passagem é marcada pelo uso de pontuação de finalização, o que sugere a possibilidade de caminhos de leitura. Uma crítica que se detivesse apenas em questões da aparência das relações, se contentaria com a explicação de diferentes temperamentos masculinos e femininos. No entanto, como já foi salientado por Machado na epígrafe, há necessidade de busca das causas das diferenças, dos conflitos, e sabemos que sem a história a explicação dos “temperamentos” se torna incompleta. E como diz o narrador, referindo-se a Machado, as *coisas futuras* explicitarão a metáfora histórica.

Surge a figura do padrinho, que escolhe o nome dos gêmeos: Pedro e Paula<sup>7</sup>, que são partes dos nomes dos pais, isto é, continuação diferente:

Tu és José Pedro, você é Ana Paula. Preenche-se o coeficiente narcísico dos pais, respeita-se a identidade própria dos filhos, tira-se a média, dá Pedro e Paula. Tem as conotações espirituais devidas: a pedra e o templo, a fundação e a invenção. (MACEDO, 1999, p.22).

É interessante mostrar a relação entre a necessidade de conservar e a de transformar, ressaltada pela narrativa ao mencionar a origem dos nomes dos protagonistas. Esta relação também está presente na lógica de reprodução do ser social cujo princípio é a criação do novo, que surge pela superação do velho, mas que necessariamente não significa o aniquilamento deste. Como diz Pessanha (1987, p.77): “o movimento dialético atua no sentido expresso pelo verbo alemão *aufheben*, que possui dois significados opostos – ‘eliminar’ e ‘conservar’ –, aglutinados na expressão *superar*.”

Na verdade, toda a narrativa só foi possível pelo silenciamento do narrador, que em determinados trechos é assumido, em outros, transformado em silêncio ostensivo. Em todo o livro o silenciamento é dissimulado pela própria narrativa que se propõe contar a trajetória dos protagonistas. Sabemos agora que esta história não é outra, pelo silêncio de Gabriel, o padrinho, que bem poderia ser o pai dos gêmeos: “Ela naturalmente aceitou a proposta de casamento de um deles quando o fim do curso se aproximou, era necessário decidir o futuro, e o que julgava que ia ser uma escolha ficou simplificada pelo silêncio do outro.” (MACEDO, 1999, p.23).

Através de uma trama, aparentemente banal, de pessoas que vivem a adversidade de não terem nascido com posses em um país dominado pela lógica do capital, a

<sup>7</sup> Também os personagens de Machado chamam-se Pedro e Paulo, nomes escolhidos pela madrinha, por inspiração divina para dois seres que seriam especiais.

autoria cria a metáfora necessária para discutir as contradições das identidades que se formam a partir da relação entre exploração e poder, tendo sempre na mira de suas lentes aqueles cidadãos que não concordam com a dominação, com os regimes totalitários, mas vivem sob eles.

Na verdade a narrativa é conduzida pelo questionamento da possibilidade de ser diferente. Há sempre um embate entre as condições objetivas que determinam o lugar ideológico dos indivíduos e a suspeita de que, pelo menos, é possível o rompimento dessas determinações na esfera da subjetividade.

A subjetividade elucidará (ou não) os problemas advindos das relações sociais; essa intervenção da subjetividade é o espaço fundador da liberdade humana, na medida em que o processo de autoconstrução do ser social implica sempre possibilidade de escolha (para o estudo da liberdade do ponto de vista marxista: ver TONET, 1997).

Sem a interferência da subjetividade é impossível qualquer escolha entre as alternativas existentes na objetividade, que funcionaria apenas com sua lógica interna ou ao sabor do acaso (a legalidade do mundo inorgânico e do orgânico, que não permite a criação do novo). Na verdade, é o surgimento da subjetividade que instaura o ser social; e a história do gênero humano é a história da intervenção da subjetividade na objetividade. É nessa relação que se consubstancia a força do sujeito.

O limite da subjetividade é dado pela objetividade, que não permite qualquer tipo de intervenção, mas apenas aquelas que condizem com sua legalidade. Nesse sentido é que a subjetividade precisa do conhecimento o mais apurado possível, da lógica do objeto a sofrer sua interferência, para que as práticas possuam possibilidade de eficácia.

Como parte do ser social, a subjetividade pode ter diversos graus de conscientização sobre o seu estar no mundo e, em consequência, ter maior ou menor possibilidade de compreendê-lo, mas a explicação para sua atividade no mundo não será dada por nenhuma condição que não possua explicação na própria sociabilidade, mesmo que a subjetividade contemporânea ao sujeito que faz determinada leitura do mundo não possa alcançá-la, tendendo a buscar soluções transcendentais, ignorando as inovações.

A vida individual e a vida-espécie não são *coisas diferentes*, conquanto o modo de existência da vida individual seja um modo mais *específico* ou mais *geral* da vida-espécie, ou da vida-espécie seja modo mais *específico* ou mais *geral* da vida individual. (MARX, 1965, p.125)

Nos atos singulares de criação ou de recepção, de aprovação ou de recusa, os indivíduos podem ter desde uma participação mínima, até uma interferência decisiva no processo geral. Quanto mais a subjetividade tender para o descobrimento e revelação do novo, tomando uma posição a favor das novas possibilidades que surgem, tanto

mais terá condições de promover o movimento dialético necessário a uma interferência efetiva no real.

Vejamus de que *forma* a discussão foi elaborada. A palavra forma está marcada com propósito de evidenciar a relação entre o conteúdo a ser discutido e a forma escolhida pela autoria para fazê-lo. A relação conteúdo e forma é sempre indissolúvel: a intenção do autor é objetivada no mundo da obra de arte sob determinada forma, que não poderia ser outra e que constitui o momento do reflexo, isto é, a marca da individualidade no real. Como afirma Bakhtin:

O tema e a forma do signo ideológico estão indissolúvelmente ligados, e não podem, por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente. Tanto é verdade que, em última análise, são as mesmas forças e as mesmas condições que dão vida a ambos. (BAKHTIN, 1990, p.45)

O resultado do fazer artístico representa uma visão de mundo sem haver uma relação mecânica entre o que o artista pensa sobre o mundo e o que ele expressa em sua obra. O ato artístico é sempre consciente, o sujeito que o realiza tem consciência do que quer realizar, embora não tenha controle total sobre a capacidade de dar forma ao seu objetivo, nem da totalidade de interpretações que poderão advir de sua intencionalidade<sup>8</sup> expressa na obra. Essa intencionalidade é reafirmada por Bakhtin (1992, p.300), através do conceito de *intuito discursivo*, que pressupõe o *querer dizer* do autor de um texto:

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monoleximática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou *querer dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados.

O romance analisado conta, cronologicamente, a história dos protagonistas, do nascimento até o momento final da narrativa, com os personagens adultos seguindo caminhos escolhidos, possíveis? A precisão das datas leva-nos a considerar a cronologia imposta pela autoria, na medida em que a formação das identidades está intrinsecamente ligada à história de cada personagem inserida no fazer histórico. Cada passo histórico explicita as diferenças entre as personagens, que acabam se transformando em antagônicas.

Embora não seja o protagonista, é a personagem Gabriel, o padrinho, que faz movimentar o romance. As relações com a família dos gêmeos provocam reações de

<sup>8</sup> Intencionalidade que significa o pôr do sujeito no mundo, o agir com objetivo, a partir de uma reflexão prévia sobre o ato.

ódio, inveja, amor e explicitam as contradições que se estabelecem na constituição de individualidades necessárias e possíveis para aquele momento histórico.

Ao menos começo por cima e não a carregar malas, foi a resposta petulante de José como se o ataque tivesse vindo de Gabriel. [...] Latentes rivalidades antigas tinham vindo à superfície, inconfessadas humilhações sobrepuseram-se num momento à amizade de anos que as havia neutralizado, Gabriel era o rival, o homem que Ana teria preferido, a incorporação de todos os seus ressentimentos. (MACEDO, 1999, p.31)

As críticas da mulher à aceitação de um cargo na administração em Moçambique levam a aflúrem não apenas as contradições do presente, mas também aquelas que acompanhavam a trajetória dos três amigos. José, criticado agora, tinha tentado ser um militante de esquerda; Gabriel apenas se dizia ao lado do amigo, nunca se aproveitou de sua situação mais cômoda de membro da classe dos proprietários para se insurgir contra o regime salazarista. Agora, comodamente *colocado* na embaixada de Londres, vinha criticar o amigo que aceitara trabalhar para o governo, ajudando a colonização. Quem tem mais culpa? A pergunta implícita é: aquele que silencia e representa a ditadura ou aquele que a defende nas colônias? Esta contradição acompanhará toda a narrativa, marcando a vida dos gêmeos. A figura de Gabriel permanece, mesmo quando ausente fisicamente, acoplada às contradições dos filhos, como acompanhou as dos pais.

Em 1968, ano da reestruturação política de Portugal e dos acontecimentos de maio em Paris, os gêmeos estão com 23 anos. Paula, estudante de pintura, resolve passar um tempo com o padrinho em Londres porque precisava pensar. As agitações parisienses e o contato com militantes despertam nela a necessidade de entender melhor a si e ao mundo. Nada melhor do que a casa de Gabriel, o “demônio tutelar da família” (MACEDO, 1999, p.38), segundo a afilhada. É interessante observar o nome do personagem, que se refere ao anjo anunciador do nascimento de Jesus e protetor dos pais na caminhada até o nascimento. Aqui, contraditoriamente, é um demônio que protege, tutela. Sem dinheiro e vontade de voltar para Moçambique ou Portugal, Paula surge no apartamento do padrinho.

A autoria então esclarece as posições que Gabriel adotou durante a ditadura salazarista. O exilado, atual condição de Gabriel em Londres, não aceitou dizer o que queria e protegeu alguns fugitivos políticos das colônias. A temática dominante do romance prevalece e, através da voz da própria personagem, há um questionamento sobre a real importância dessas ações para a história portuguesa: “Encontrou-se a explicar-lhe, sem notar logo que estava a pensar em voz alta, que a sua imagem de exilado, as conotações de sacrifício ou de coragem que essa imagem pudesse sugerir, não deveriam ser levadas muito a sério” (MACEDO, 1999, p.39).

A autoria discute o momento presente, as opções que parecem ser oferecidas pela objetividade. A mudança dos costumes que faz com que homens e mulheres se pareçam – o uso das drogas que podem libertar da angústia, a revolução sexual trazida pela pílula que permite o prazer às mulheres sem o risco da gravidez e, conseqüentemente, da denúncia do prazer. A narrativa realiza o encontro de duas gerações, Gabriel tem 47 anos e Paula 23. Nenhuma delas está contente com o que fez ou faz, ninguém é feliz, mas talvez o encontro das duas permita essa felicidade. Gabriel tem medo de estragar o novo, mas, ao mesmo tempo, coloca-se como seu guardião e se pergunta como pode ajudar Paula. Amando-a de longe, proporcionando condições ao seu despertar como pintora. Não é isso que quer, quer a ela. Quer de fato uma relação, mesmo admitindo as diferenças, ou talvez por causa delas: a “tua geração quer saber com os corpos. A minha ficou-se pelas teorias, foi tudo que aprendemos. E agora teríamos que aprender a desaprender, que é o mais difícil.” (MACEDO, 1999, p.46).

A história pessoal é traspassada pela história social, não se pode explicar as carências e formas de comportamento sem também entender a sociedade, é necessário compreender as subjetividades em cada espaço e tempo definidos. Por isso Bakhtin afirma:

Se o conteúdo do psiquismo é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo), como psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas esse próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social. (BAKHTIN, 1990, p.59).

Pedro, em Portugal, pede socorro e Paula tem que ir. Só há uma maneira de ficar junto de Gabriel, e Paula sugere de imediato: “Por que é que não vem também?” (MACEDO, 1999, p.50). A resposta de Gabriel é ambígua e insinua a possibilidade de ocorrer a transferência; o abandono da posição cômoda de exilado.

Além disso, o que é que eu poderia fazer em Portugal?

Em primeiro lugar, só lá poderia fazer mais do que já fez. Do que faz em Londres.

A revolução?

Não. Sim. Talvez, por que não? Não sei alguma coisa. Em segundo lugar, o Pedro também é seu afilhado.

[...]

Escreve-me quando chegares. E ouves... Não, deixa, é melhor assim. Logo se vê. (MACEDO, 1999, p.51)

A escrita entrecortada, promovendo insinuações através do uso de reticências, de pausas, que provocam silenciamentos, mostra a ambigüidade das afirmativas e negativas que apontam ser melhor a separação quando se quer a comunhão: as falas sugerem necessidade de partida, enquanto a imagem dos dois abraçados percorrendo as margens do Tâmis demonstra a vontade de ficar.

Captar a tomada de posição do artista frente à particularidade refletida na obra apresenta dificuldades, só sendo possível quando se penetra em todos os momentos de elaboração do objeto. Em *Pedro e Paula* não há a busca de equilíbrio, de neutralização das contradições mas, ao contrário, a explicitação máxima das determinações da convivência de contradições, o que permite a representação de uma dada realidade e, ao mesmo tempo, o surgimento de possibilidades de sua superação, ao representar uma aproximação com a essencialidade e a totalidade das relações que compõem essa realidade.

Dentro dessa linha de análise que procura desvelar os liames de constituição do romance, chama atenção o capítulo “Intenções e projeções 1997 (1967-1968)”, em que o narrador dirige-se diretamente ao leitor para tomar partido de um dos gêmeos, embora receie perder a equanimidade necessária a um

profissional da escrita como requer a esquerda liberal: mas eu também tenho um problema que preciso de resolver primeiro ou, pelo menos, parecer fazer isso. O meu é que tomei partido: gosto da Paula, apetece-me a Paula, não teria tido os escrúpulos de Gabriel. (MACEDO, 1999, p.53).

Esse posicionamento do narrador demonstra não haver neutralidade na narrativa. Ao se dirigir ao leitor e esclarecer sua posição, faz supor que nada mais vai ser silenciado, tudo poderá ficar mais claro, já suas intenções e seus sentimentos estão explicitados podendo, então, o leitor se precaver de futuras projeções, como ele mesmo insinua, ou, por que não?, de distorções a que o posicionamento a favor de uma das partes pode levar.

Qual é o lado de Paula? O que ela representa e o que defende o narrador? Esta é a posição da autoria, no entanto, esse mesmo trecho alerta para o fato de que, ao dizer o lugar de que fala, o narrador pode não conseguir resolver o problema de possíveis equívocos, pois, como afirma, explicitar o problema pode não ser a solução para esclarecimento da realidade: “Mas eu também tenho um problema que preciso de resolver primeiro ou, pelo menos, parecer fazer isso” (MACEDO, 1999, p.53).

Pedro tem uma personalidade usurpadora, segundo o narrador manifesta desde a fase da amamentação: “De querer só, sem desejar” (MACEDO, 1999, p.55). No entanto, sentindo-se satisfeito, era capaz de gestos magnânimos e, segundo a narrativa, foi quem possibilitou à irmã seguir um caminho que talvez nem soubesse existir:

E assim foi possibilitando a Paula, em precoce capitalismo esclarecido, tudo aquilo que ela sozinha talvez nunca tivesse conseguido, que talvez nem soubesse que poderia ser legítimo querer ou só o viria a saber tarde demais, como a mãe, e como mesmo já na geração de Paula ainda era o destino mais favorecido para mulheres pelos homens mais compadecidos. (MACEDO, 1999, p.56)

Considerando, como Mészáros (1993), a metáfora como a construção que não está diretamente vinculada ao real, mas que desloca algo anteriormente já deslocado, pelo caráter auto-referido e contextual, as metáforas são intraduzíveis e nada resulta diretamente delas. Se sua validade é uma validade metafórica, só há possibilidade de verdades também metafóricas. Os objetos assim representados são, necessariamente, objetos metafóricos.

Tomando como pressuposto as considerações acima referidas, pode ser realizada uma associação metafórica. Se Paula representa a colônia, lado em que se posiciona o narrador, constata-se, agora, não haver condições de mudanças das relações coloniais, nos anos sessenta, a partir da própria colônia. “Em suma: porque sim, porque não, Pedro dera a Paula as fundações de sua liberdade” (MACEDO, 1999, p.58).

Refazendo a metáfora, tem-se o português de esquerda que emigra e que gera, ao mesmo tempo, tanto a continuação da colonização, como a possibilidade de superação dessa condição. Correndo paralelamente, mas ainda não inteiramente explicitada, há a figura do intelectual que se exila voluntariamente para não colaborar com o regime salazarista. Ao dizer isso, a autoria deixa implícito que a colonização só é possível de ser rompida com as relações contraditórias entre a especificidade da colônia e as condições do capitalismo em geral, que nesse momento vive uma de suas crises (estamos nos anos sessenta). A lógica geral do capital precisa de colônias libertas, inseridas no mercado, gerando atitudes “de precoce capitalismo esclarecido” (MACEDO, 1999, p.56), que preconizem uma abertura continuada.

Paula é trazida para Lisboa sob a proteção do irmão que controla, inclusive, o dinheiro mandado pelos pais para seu sustento. A colônia chega à Metrópole para se atualizar, para aprender e depois voltar, essa era a primeira perspectiva dos pais e dos próprios filhos.

Sabe-se que nada disso ocorre. Paula, diferentemente do irmão, deixa-se dominar pelas emoções e explora diferentes formas de objetivar desejos. Participa do maio de 68 em Paris. Esgota-se e, desvalida, sem dinheiro, procura pouso e abrigo na casa do padrinho, em Londres. Pedro não termina o curso brilhante que vinha fazendo, entra em surto psicológico, envolve-se com drogas e acabaria morrendo, não fosse o auxílio daquela a quem deveria proteger: “Aquela carta... Tenho de ir amanhã para Lisboa. O Pedro precisa de mim” (MACEDO, 1999, p.48).

A farsa da vida de Pedro está por desabar. Na carta escrita aos pais, que não chega a enviar, são abertas feridas que não cicatrizam nunca: “Esvaziado. Arrumadinho.

Grato. Pactuante” (MACEDO, 1999, p.62). Foi apenas um arroubo de quem tão comprometido não consegue mais se refazer. A carta enviada é a de um filho que concorda com os pais, critica a irmã acusando-a de nada ter feito do que foi combinado quando veio para a Metrópole e ainda tentar desencaminhá-lo ao sugerir que se case com a namorada pobre que engravidou.

A aparência de uma melhora de vida que os colonizadores tentam impingir aos colonizados, mas a eles não debitada, é refletida por Pedro na carta enviada aos pais. As guerras de libertação eclodem por toda a África e Pedro, mesmo sem nenhuma vontade de guerrear, discorda da concessão de independência, para o bem das Colônias. Tal concessão fará com que procedam como Paula, que a usa para se degradar, acabando com as melhorias concedidas pelos colonizadores, pois o que eram antes da colonização senão tribos primitivas?

Aliás a questão realista, vendo as coisas de uma perspectiva de futuro, não é quem tem ou não razão. Têm todos e portanto nenhum. É simplesmente que os africanos nunca serão capazes de controlar estruturas políticas e econômicas complexas. Que não foram criadas por eles e nem para eles. (MACEDO, 1999, p.64)

Desta forma, Pedro acalma sua revolta expressa na carta não enviada que dizia: “Basta de fabricação. Desta grotesca farsa em que me tornei em obediente resposta à fabricação de mim que me foi imposta por vós” (MACEDO, 1999, p.61). E pode ouvir tanto os elogios do pai pela atitude sensata de abandonar a namorada grávida, como a notícia confidencial de que irá governar um distrito em zona de terrorismo para que os militares não sejam tão visíveis.

A mãe que escreve uma carta amorosa ao filho e defende a irmã, não deve ser levada a sério porque é uma neurótica, frustrada, que não pode saber da futura promoção a que o marido está fazendo jus, depois de anos de trabalho nas colônias. As mulheres dessa narrativa estão sempre “fora da linha”: namorada que engravida e quer ter o filho, irmã que concorda com o casamento e realiza sua própria revolução sexual e, finalmente, mãe que acha que a filha tem razão. Representam um perigo, pois desestabilizam os acordos, as relações e, como diz a mãe dos gêmeos, fazem uma “habitual conspiração de mulheres” (MACEDO, 1999, p.69).

Como consequência tem-se a Pide a corromper Pedro oferecendo-lhe benesses (trabalhar com o pai? O pai a trabalhar com a Pide?), que o prenderão definitivamente à rede do autoritarismo e da violência dessa agência estatal, já que se vive o momento em que, como diz o narrador, os tempos são de reprimir sem deixar marcas: “as novas instruções para pessoas conhecidas, desde que Marcello entrara nessa da evolução em continuidade, era assustar sem aleijar.” (MACEDO, 1999, p.82). Essas preocupações são de Paula e o narrador, mais uma vez, faz questão de marcar a simultaneidade (o mesmo tempo histórico, a mesma formação social) e a diferença

dos dois irmãos, o que permite concluir a possibilidade de diferentes posicionamentos, mesmo em condicionamentos sociais semelhantes. A liberdade de escolha da individualidade, mesmo condicionada, é uma possibilidade dada historicamente: “Desde pequena, se calhar desde antes de nascerem, que a sua lealdade tinha ido para ele, a sua própria existência confundia-se com a dele, eram a mesma existência por diferentes que fossem um do outro” (MACEDO, 1999, p.81).

O caminho de Pedro está se delineando – a aproximação com o pai e a Pide o fará começar de onde o pai termina: a participação direta na colonização. Como foi assinalado, o discurso ideológico necessário para justificar os atos futuros já foi construído, pois não vê possibilidade de uma África desenvolvida, feita por africanos. Silenciados estão ainda os caminhos de Paula e do padrinho Gabriel. Sabe-se apenas das contradições de sentimentos e de atitudes que não deixam que eles, principalmente Paula, e Gabriel por causa dela, se afastem de Pedro.

A narrativa esclarece a situação da colônia procurando não ocultar mais as contradições. Embora Pedro tivesse sempre mais de uma alternativa, vai sempre seguindo o caminho mais fácil de aceitar as benesses sem se preocupar, pelo menos no seu dia a dia, com as **coisas futuras**. O pai passa a colaborador diretamente, justificando sempre as atrocidades cometidas pela repressão; sentindo-se incompreendido, tenta contar com a colaboração do filho que se nega, mas se mostra incapaz de fazer uma crítica direta. Só a mãe expõe claramente suas opiniões<sup>9</sup>. A conversa mantida com o filho logo de sua chegada a Moçambique é dura e deprimente:

Ela fez suas opções, que são diferentes das minhas.[...]

Opções.

Sim, diferentes das minhas

E a borboleta do teu pai?

O que?

As borboletas nas costas dos pretos, a ferro quente. As casas de tortura. Ou julgas que não sei? São essas as tuas opções?

Não mamã. Não são.( MACEDO, 1999, p.105)

A crítica aos colaboracionistas é fácil de fazer e não seria o ponto central da autoria, por se tornar lugar comum em tempos de democracia. A essencialidade da narrativa está em discutir os silenciamentos daqueles que aparecem como não colaboradores e, no entanto, se beneficiam do trabalho sujo das polícias. Nesse sentido, a narrativa é impiedosa, não poupando nem a mãe na sua neurose, pois embora saiba de tudo e critique o marido, não abre mão da vida confortável que a situação colonial permite. “E todos os cidadãos, incluindo ela própria, não se beneficiam da proteção

<sup>9</sup> Confere-se à mulher o poder de dizer tudo, mas, para impedir que a situação se torne perigosa, ela é estigmatizada como louca e neurótica.

da Pide?” (MACEDO, 1999, p.96) Pois só assim ela podia viver “sossegada e confortável na bela casa de Lourenço Marques com vista para o mar e criados de confiança” (MACEDO, 1999, p.95).

Pedro escolhe o caminho da via intermediária: não aceita trabalhar com o pai, para não ser visto como colaborador da polícia política, mas aceita seu dinheiro para montar um apartamento e levar uma vida confortável como médico recém-formado. A autoria implacavelmente adverte que essa escolha da personagem é a da maioria dos portugueses. “E se assim fosse a sua situação não se teria tornado muito diferente da de tantos outros portugueses que, por esse tempo, a meio caminho dos ativos sins e os sacrificiais não, iam fazendo a vida.” (MACEDO, 1999, p.101).

Ideologicamente essa opção está sustentada no discurso liberal, que desculpa a convivência pela impossibilidade das individualidades intervirem diretamente na situação e de que cada individualidade tem o direito de fazer sua opção. O oposto a isso seriam as teorias e práticas coletivistas que levaram também a ditaduras comunistas. Não havendo saída, não se colabora diretamente e se busca a autopreservação.

A revolução moçambicana está crescendo, mas a classe que vive da exploração da colonização – e não importa aqui se são portugueses ou moçambicanos – continua a levar sua vidinha, embora apareçam homens mutilados e corpos sejam enterrados todos os dias. Pedro é uma dessas pessoas, prospera na profissão e se torna cada vez mais, segundo o narrador, distante de Paula, com quem não mantém nenhum contacto desde que aceitou a proteção da Pide e se deslocou para Moçambique. Ainda segundo o narrador, e é importante lembrar que a posição deste é favorável à parte feminina da consangüinidade, Paula não é mais diferente de Pedro, mas antagonica a ele: “a própria Paula, já vimos, agora distante e incomunicada gêmea antagonica de Pedro” (MACEDO, 1999, p.109).

A festa se dá. Com o título de “Festa é festa” (1974) é construído um capítulo formado por duas páginas apenas pontilhadas. Nenhuma escrita convencional. A festa não pode ser narrada, porque significaria tomar partido de um dos lados e a narrativa mais uma vez prefere **não dizer**, deixando silêncios que podem ser inferidos, mas sempre através da ambigüidade, como o narrador que usa várias palavras para confundir ou esclarecer o leitor sobre as diversidades de Pedro e Paula.

No capítulo “Depois da festa” é narrada a situação daqueles que colaboraram abertamente com o governo colonizador e precisam fugir de Lourenço Marques. Pedro não está a princípio entre esses, é óbvio, mas está o policial da Pide que o ajudou a sair de Portugal na época crítica de sua vida e estão também os pais. Chegou a hora da prestação de contas e Pedro não consegue sair ileso. Vê-se obrigado a facilitar a fuga do policial, perde o pai, que se suicida ao não poder mais se autoenganar, como sempre fez através de perguntas não realizadas, respostas não questionadas, fatos não esclarecidos, em suma, silenciamentos convenientes. José se

mata, ao se defrontar com a impossibilidade da manutenção do **não dito** sobre os atos de tortura praticados, sob a conviência, traduzida em ingenuidade ou inocência, em relação às atrocidades cometidas sob a sua direção, no projeto de recuperação da “Política dos Espíritos”. Agora todos tomarão conhecimento do que se fazia com os negros que tentavam a libertação da colônia.

A mãe enlouquecida é mandada para Portugal. Pedro segue também para a Metrópole como um fugitivo. Como dizia a voz comum: “rumo ao futuro e a Europa conosco, porque agora somos todos brancos e os pretinhos que se lixem” (MACEDO, 1999, p.119).

O narrador, assumindo explicitamente o lugar de *alter ego* da autoria, insinua que perde o controle da narrativa que, de agora em diante, será comandada pelas personagens e o autor será apenas mais uma personagem misturada à história, pois acaba de conhecer os dois gêmeos. Agora não há mais possibilidades, mas fatos realmente acontecidos, presenciados e narrados.

A revolução de abril trouxe ilusão e esperança. No entanto, fica-se sabendo que Paula pouco participa (algumas reuniões secretas que todos conheciam e contato direto com artistas que haviam participado do maio de 68 na França e agora estavam de volta a Portugal) e que Gabriel se elege deputado pelo partido socialista. A vida caminha como “O costume” (MACEDO, 1999, p.154), expressão repetida várias vezes pela autoria, para sinalizar o não envolvimento coletivo nas mudanças e sobre a continuidade das relações essenciais da sociedade.

Continuando com a construção metafórica através da vida dos personagens constata-se, em relação à discussão apontada acima, que a participação dos pais de Pedro e dele próprio na colonização é silenciada, o que faz com que o filho que acabara de conhecer o pai o tome por um revolucionário e pergunte: “O senhor... Lá na África o papá salvou muitos capitães de abril?” (MACEDO, 1999, p.160). Novo silenciamento. O dinheiro e a influência de Gabriel vão resolvendo os problemas surgidos com os membros da família. Tudo vai voltando ao **normal**.

No entanto, o narrador faz surgir duas vozes reveladoras da complexidade do momento histórico vivido pelas personagens, o peso da história daquele país e a dificuldade de se criar algo realmente novo. A primeira é a reflexão de um comunista, apontando para as conseqüências da ditadura salazarista na formação da identidade portuguesa e na identidade que a oposição foi construindo durante a ditadura:

Não, não é isso. Do sputnik. Como verdade objetiva. Porque, os amigos talvez não se lembrem, mas aqui em Portugal o governo disse que não era possível. [...] havia a lei da gravidade. Teria logo caído. Propaganda soviética. Como tudo o resto. [...]

Sim, os amigos riem. Mas não é para rir. Hoje percebe-se que não era para rir. Agente tinha sempre que acreditar no oposto do que se dizia aqui. Relativizar. Como verdade objetiva. (MACEDO, 1999, p.162)

A dificuldade de analisar efetivamente a realidade foi consolidada e o *costume* de relativizar os fatos, dependendo de quem os fazia ou dizia, possibilitou grandes equívocos, alguns insuperáveis, outros passíveis de modificação, desde que se enfrente objetivamente a realidade.

A discussão maniqueísta sobre o lugar da direita e da esquerda é fácil de ser construída simbolicamente, o questionamento da autoria é se esta discussão esgota a complexidade das identidades formadas sob a ditadura e a colonização. Para a autoria essa linearidade é simplória, pois não há como impedir as contradições que as personagens insistem em explicitar. “Mas já disse que dentro das minhas personagens há pedaços de gente a querer existir, vontades próprias a interferirem nas minhas monstificações emblemáticas” (MACEDO, 1999, p.172).

A outra voz é de uma deputada, colega de Gabriel, que defende a idéia de que acreditava deverem as novas leis apenas enunciar a expressão daquele momento, deixando ao futuro o direito de escolher o que seriam: “tudo o que se podia fazer era recusar o que do passado estivesse errado, desse modo deixando o caminho aberto para o futuro. [...] O futuro tomaria conta de si próprio, e tanto melhor seria quanto menos fosse predeterminado pela lei” (MACEDO, 1999, p.181).

A autoria faz uma analogia desta lógica, na verdade, feita pela negação com a atitude de Paula e Gabriel durante a ditadura. Os dois estão em dúvida, assim como a autoria, sobre posições a tomar, sobre caminhos a indicar; sabem apenas que tiveram uma atitude de recusa em relação ao antigo regime, que nunca colaboraram com ele. O restante é dúvida. Na voz do narrador: “a diferença entre saber o que se deve recusar e legislar o dever ser” (MACEDO, 1999, p.180).

Paula faz uma analogia com a arte, isto é “como preparar a tela para depois ir sendo pintada pelo futuro” (MACEDO, 1999, p.181). Essa é a questão colocada pela autoria, ou seja, o projeto autoral já existe na cabeça do artista, mas, para a sua realização, faz-se necessário uma comunhão de elementos que não podem deixar de lado a objetividade social<sup>10</sup>.

Da mesma forma que o **ir-sendo** de uma revolução tem que levar em conta a realidade objetiva, como alertou o comunista, mas também as possibilidades das subjetividades criadas na realidade anterior. Não é possível eximir-se de propor e realizar alternativas, como queria a deputada, mesmo que sejam apenas no plano da

<sup>10</sup> Segundo Lukács (1978, p. 191), para a elaboração de uma obra “existe um complexo muito complicado de influências recíprocas entre situação social, concepção do mundo, penetração artística e intenção da personalidade criadora em uma determinada e determinante situação histórica, o que decide o modo de escolha e de aplicação de uma técnica concreta”.



arte. Por isso Paula trabalha diuturnamente para que os quadros que serão expostos abandonem a forma figurativa predominante em sua pintura anterior, mas continuem a insinuá-la como pressuposto. O novo que olha para o passado para não correr o risco de repeti-lo.

Nos atos singulares de criação ou de recepção, de aprovação ou de recusa, os indivíduos podem ter desde uma participação mínima até uma interferência decisiva no processo geral. Quanto mais a subjetividade tender para o descobrimento e revelação do novo, tomando uma posição a favor das novas possibilidades surgidas, tanto mais terá condições de promover o movimento dialético necessário a uma interferência efetiva no real<sup>11</sup>.

As utopias dos anos sessenta vão sendo abandonadas ou impedidas, não há mais como voltar atrás. No entanto, os possíveis enganamentos que permitiam às pessoas comprometidas com o poder anterior aparecerem como democráticas e, às vezes, até como revolucionárias, vão se desvelando e os silêncios acabam por ser rompidos. Aqui se evidencia o distanciamento entre os gêmeos de Machado de Assis e Helder Macedo, sugerido metaforicamente pela diferença de sexos das personagens do autor português. Enquanto os de Machado, univitelinos, apenas trocam de posição nos governos, Paula pode se libertar do irmão e construir simbolicamente em seus quadros, através da busca da cor adequada, nova, surgida a partir de várias tonalidades, uma possibilidade de reflexão sobre formas de enfrentamento da opressão, buscando o desvelamento dos silenciamentos: “finalmente qualquer coisa de fundamental quebrara mesmo em Paula em relação ao irmão. Estava livre dele. Afinal era dele que tinha estado a querer libertar-se todos aqueles anos. Foi o que finalmente percebeu.” (MACEDO, 1999, p.209). A liberdade, no entanto, não poderia ser completa, pois trazia a marca do estupro que Pedro comete contra a irmã, e a possibilidade da filha que ela concebeu ser do próprio irmão.

Na verdade, esse é o fio condutor de toda a construção metafórica do romance: não é possível livrar-se das contradições se as condições objetivas que as permitiram continuam presentes. Por isso, o último capítulo se intitula “Pois é...” e indica serem os tempos de dificuldades extremas, com os Pedros e as Pides assumindo grandes posições, sendo agraciados com medalhas, enquanto as Paulas, como o narrador, que insiste que é o autor, discutindo as opções para aqueles que não querem se acostumar com a situação presente. A modernização do país custa a vida de pessoas que perdem os empregos e a dignidade.

Para a autoria só resta a recusa em participar, o que ainda funciona como um ato de bloqueio e denúncia por aqueles que se escondem sob a perspectiva de que

não há o que fazer e logo deixam-se contaminar pela sedução da voz do poder que reduz tudo à necessidade do funcionamento mais eficiente das instituições: “A vontade institucional seria quando, para dar um exemplo moderno e europeu, um ministro monetarista a chorar muito da vontade pessoal manda a malta para o desemprego permanente porque a sua vontade funcional tem de ser controlar a inflação.” (MACEDO, 1999, p.223).

O narrador acrescenta então haver uma alternativa, talvez a única vislumbrada pela autoria para esse momento histórico: o “que se esquecem sempre, os da funcional, é que um gajo pode sempre demitir-se. Dizer que não. Ou nem sequer esquecem, é a funcional que não deixa, coitados. Ou então é que se tornaram eles próprios na funcional.” (MACEDO, 1999, p.223).

Esses são os incestos, os estupro, as relações de consanguinidade que precisam ser esclarecidas e separadas, para que os caminhos possam ser trilhados com maior clareza, para que as Paulas possam se livrar do peso da opressão, sem necessitar de exposição ao estupro, para que o **não** seja mais rápido e profundo. O romance é um grito de alerta feito por um lado da contradição, que percebe a necessidade de os silenciamentos serem rompidos, mesmo que neles também estejam envolvidos, mesmo que se possa apenas dizer **não**. O comprometimento de todos é indiscutível, não há neutralidade, não há isenção: ou toma-se o caminho ou deixa-se conduzir pelo caminho apresentado, mais fácil talvez, mas que pode, futuramente, nos levar a ter que apenas exclamar: **pois é...!**

MAGALHÃES, B. Oppression and identity: the double of colonisation. *Itinerários*, Araraquara, n. 21, p. 39-56, 2003.

■ *ABSTRACT: From the point of view of Helder Macedo, stated in his book Pedro e Paula, this article analyses the forms of confrontation of the political oppression by individuals that do not agree with the oppression, but belong to the dominating class. The social contradictions of a social reality based on class exploration and colonial domination are the base of this romantic representation that neither saves the colonist nor treats him as an homogeneous group of dominators. The character's construction is made over the dialog with the text of Machado that discusses the type of this simultaneous contradiction. Similar life stories produce objects that, although dependent, are different according to the role of social subjects they play. While the majority of the male characters reproduce the social relationship, the women representation creates some tension between what exists and the possibilities of change that may lead to madness but necessarily does not accept things as they are.*

■ *KEYWORDS: Contradiction; aesthetic; reflection; literature and history; power; oppression.*

<sup>11</sup> A razão decisiva graças à qual uma obra conserva uma eficácia permanente, enquanto outra envelhece, reside em que uma capta as orientações e as proporções essenciais do desenvolvimento histórico, ao passo que a outra não conseguiu (LUKÁCS, 1978, p. 240).

## Referências

- ASSIS, M. de. **Esau e Jacó**. São Paulo: Globo, 1992.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MACEDO, H. **Pedro e Paula**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MAGALHÃES, B. **Os desejos de sinhá Vitória e a construção autoral de Graciliano Ramos em Vidas Secas**. 1999. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- MARX, K. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- MÉSZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Ensaio, 1993.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio**. 4.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1988.
- PESSANHA, J. Cultura como ruptura. In: BORNHEIM, G. et al. **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- TONET, I. **Mercado e liberdade**. Maceió: Ed. UFAL, 1997.

